

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA



ANO I

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 5

São Paulo, Janeiro de 1956

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

República — Desgraça no Brasil e em todo o Mundo

1. Ao falarmos contra a república e a democracia no Brasil, surge logo à baila o exemplo mirabolante da Suíça e dos Estados-Unidos para contraditar "fulminantemente" as nossas críticas e afirmações. É porque grassa escandalosa a ignorância nos palpiteiros metidos a sabedores, alhoios realmente a tudo quanto vai pelos caminhos do mundo, a não ser aquilo que os propagandistas de utopias querem instilar nas mentes primárias ou incautas de tanta gente.

2. Farta é a messe de panegíricos sobre repúblicas e democracias, tanto liberais como soviéticas e "populares": Norteamérica, Suíça, Urss, China e o último desgraçado, o Egipto. Basta dar um relance pelas bancas de jornais, que se verá pompeante, de cambulhada com os jornais abertamente vermelhos, a literatura epinicial das repúblicas e democracias torturadoras de tantos povos do mundo. E será muitíssimo mais provável condenarem-nos as autoridades e apreenderem "MONARQUIA" como jornaleco perigoso, do que todo aquêle opulento arsenal de venenos.

x x x

3. Modelares as ditas repúblicas dos contraditores?

Ora, o norteamericano Joseph S. Clark, JR., já citado em nosso número anterior, analisando a situação dos políticos nos Estados-Unidos em comparação com outros profissionais, mostra-nos o desprestígio lastimável em que lá estão, a ponto de se oporem os pais a que seus filhos se metam na política, donde resulta que esta somente recebe os refugos dos officios dignos (Politics, still operating on the level of chance, is getting the leftovers).

4. "Esta atitude — pondera — é reforçada pelas safras contemporâneas ocasionais de corrupção e táticas sujas na vida pública. Criam elas um clima de opinião que nega à política o respeito em que é tida noutras democracias vitoriosas. Na Inglaterra, Suíça e Escandinávia, é a política profissão honrosa. Enquanto ela se não tornar tal nos Estados-Unidos, não conseguiremos tantos políticos bons e bem adestrados quantos necessitamos" (Artigo, "Wanted: better politicians", revista The Atlantic, agosto de 1955).

Estão vendo os abstractos panegiristas? Tal e qual em nosso País!

x x x

5. Poderia o articulista citar outros Estados decentes, todos monárquicos, nos quais a política se revela coisa séria e honesta: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Japão, a Grécia que não agüentou muito tempo a calamitosa república que lhe impuseram e mandou chamar o Rei que fôra viver na Inglaterra. Etc.

Refere-se, porém, êle a uma república (embora sui-generis): a Confederação Suíça.

6. Mas a bem suíça "Gazette de Lausanne" mimoselanos com isto:

— "A máxima Salus populi suprema lex esto a nossa Constituição substitui esta: Seja lei suprema a vontade do povo. Acarreta isso flagrantes inconseqüências. Condena o governo responsável a refazer de noite o que o sufrágio popular estraga de dia... A nossa Democracia tão gabada parece-se com

uma feira numa praça. De soberana que era, ficou uma criada para todo serviço" (Abril de 1935).

Não se diz igualmente entre nós que a natureza brasileira refaz de noite o que os políticos estragam de dia? Não se diz que o Brasil vai bem unicamente quando os nossos políticos (republicanos) estão dormindo?

x x x

7. Continuarão, todavia, os nossos politiquinhos interessados no negócio e certos jornalistas — uns e outros tão ignorantes ou de má fé como os bocaiuvas da "propaganda republicana", que nem sequer tomavam conhecimento da tragédia política da republicana América Espanhola — continuarão a citar os "modelos" Estados-Unidos e Suíça, contra a experiência e contra a verdade política.

8. Não lhes interessa salvar o Brasil. Pretendem essa impossibilidade metafísica e política, comprovada pelos factos: salvar a república, salvar a democracia... contra o Brasil!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

O mal grandíssimo e irremediável das instituições republicanas consiste em deixar exposto à ilimitada concorrência das ambições menos dignas o primeiro lugar do Estado, e, desta sorte, o condenar a ser ocupado, em regra, pela mediocridade. — RUI BARBOSA.

MONARQUIA É GOVERNO, É CONTINUIDADE

Quem lê, com atenção, de fio a pavio, as leis joaninas, rubricadas no Brasil em 1808 e 1821, não se entusiasma por nenhum programa antigo de governo.

Dom João (VI) de tudo cuidou, de tudo se preocupou, sem preferências nem idéias fixas por nenhum problema. Abrançou o Brasil, que se modelava, em todas as suas possibilidades, ferindo todos os pontos de utilidade económica.

A leitura de seus Alvarás, Decretos, Decisões, Cartas Régias e Avisos, deixa no espírito contemporâneo de quem os lê, a surpresa de notar que êle conheceu profundamente as necessidades do Brasil. Os que a sucederam no governo do País, nada inventaram, nada criaram em matéria de Direito Administrativo — nihil novi. Das duas uma: ou aquêlle Habsburgo-Bragança tinha mesmo boça para essa coisa da administração pública, para a qual se deve exigir em primeiro lugar o bom senso, ou os seus Ministros foram homens geniais.

Fendo, todavia, para a primeira asserção.

— Disse-o Jaime de Azevedo, Portugal e Brasil de D. João VI, Casa Ramalho Editora, Macaé, 1940. E nós estamos com êle no atribuir ao Rei apenas bom senso, coisa que toda gente tem quando CUIDA DO QUE É SEU. Ora, o Rei, o Imperador, tem a vida ligada à Nação. É dona da empresa, Desgraça dela, desgraça dêle. Não é mercenário efêmero. Daí, continuidade, responsabilidade, prosperidade real, não fictícia.

ORAÇÃO NO DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS

À sombra secular desta igreja que é um monumento lembrando um passado comum de religião e lutas pela sobrevivência da Pátria, tenho a honrosa oportunidade de vos dirigir a palavra. Dentre tantos homens aqui presentes, mais capazes quer pelo elevado desenvolvimento intelectual, quer pelos conhecimentos práticos da vida que só a idade ensina, que o Chefe Geral que eu fôsse o orador oficial da solenidade. Recebi este oferecimento como uma homenagem aos moços; à minha geração.

E assim venho prestar o meu tributo ao Dia dos Mortos Patrianovistas. Não sei se devo dizer que estamos homenageando os mortos. O vocábulo, morte,

parece significar fim, desaparecimento, ausência perpétua. E há homens que nunca desaparecem. Há homens que, embora partindo para a eterna viagem sem volta, dormindo o calmo sono sem sonhos, continuam vivendo em nosso afeto, em nossas corações, em nosso respeito, em nossa veneração, pelo que fizeram por nós, pela nossa Pátria, pela nossa continuação de povo nobre e livre. São aqueles que escreveram o nosso Evangelho, que marcaram a sua passagem entre nós pelos exemplos mais dignificantes. Que escreveram a nossa história, traçaram a nossa geografia e soberaram, no último momento, entregar a alma a Deus, com a consciência tranqüila do bem dever cumprido. Mortos, continuam vivos. Longe, sentimos-os perto, compartilhando as nossas dores, as nossas alegrias, as nossas vitórias e as nossas derrotas! São parte de nós mesmos, porque são partes de nossa história e de nossa formação!

Os mortos governam os vivos, quando esses mortos soberaram ter um passado como o desses que aqui estamos reverenciando. Não morrem pois os que fizeram, de sua vida, uma epopéia de heroísmo e sacrifício em prol dos interesses mais caros da Pátria.

A sua memória é indestrutível. Séculos suceder-se-ão. Gerações serão substituídas, mas os seus nomes continuarão na história como fundadores de um povo e de uma nacionalidade!

Glória pois a eles! E como matizar glorificá-los? Como mostrarmos às gerações futuras, que não fomos surdos às suas pregações, seus exemplos, seus sacrifícios? Como provarmos que o tempo não desfibrizou a raça, não abateu o nosso espírito, não estorvou a nossa coragem? Que somos dignos das conquistas que fizeram? Que um momento sequer nos abatemos frente a qualquer dificuldade? Lutando, lutando em todos os terrenos e sítios as situações, nas câedras, nos púlpitos, nos parlamentos, nas oficinas, nos hospitais, ou nas horas sagradas, nos campos de batalha. Lutando sempre pelo amanhã da Pátria. Só a luta engrandece o homem e consolida as instituições.

"Eliminar as lutas, além de impossível, seria danoso. Todos os progressos da humanidade foram conseguidos através de uma série de lutas. Um acêdo geral seria também uma decadência geral.

Se essa aspiração, saindo do campo da utopia, conseguisse realizar-se, seria não somente um dano, mas a inevitável decadência da humanidade. Jamais haveria uma sociedade estável. Se existisse, sufocaria todas as iniciativas e destruiria os fermentos das maiores transformações". A nossa vida não é senão uma interminável série de lutas; a condição do desenvolvimento dos homens que vivem em sociedade é semente e sempre a luta.

Quem quer viver deve lutar; a própria família, o município, a província, a Nação são organismos de luta, a qual lhes é necessária. Lembremos Gonçalves Dias:

"Não chores, meu filho,
Não chores que a vida
é luta renhida;
Viver é lutar.
A vida é combate que aos fracos abate,
que aos fortes e aos bravos só pode exaltar".

Aquêle que diz: "Eu quero!", é como a ave que se levanta na força das próprias asas, cruzando os ares como bem entende.

Aquêle que diz: "Eu espero...", é como a flecha que se dirige somente na direção da pontaria, caindo inerte desde que cesse o impulso da corda que o disparou.

A história de uma nação se escreve retratando as suas lutas sob todos os ângulos. São os exemplos mais diversos que formam o código de um povo destinado a ocupar papel saliente no conceito das nações e da civilização. Lutar e lutar por uma causa nobre tem que ser sempre a nossa meta, o nosso sonho, o nosso elevado ideal. Do Céu, os nossos mortos velarão por nós.

Sentir-se-ão felizes vendo que o seu estandarte, a sua bandeira, não cairam por terra. Que eles passaram para nossas mãos que saberão conservá-las desfraldadas, bem alto, aos ventos da Pátria. Que continuamos orando e honrando os nossos mortos. Que os seus sacrifícios não foram inúteis e que os moços de hoje, responsáveis pelo futuro da nacionalidade, continuarão a lutar e sempre saberão cair de pé. Dignos das gerações passadas.

SAMUEL FRANCO

FALAM OS PAIS DA REPÚBLICA

Hoje, e desgraçadamente, estamos no limiar de indistigável situação caótica. Num espectáculo inédito para a nossa vida republicana, jamais visto mesmo na história de qualquer país que adopte o regime presidencial, apresentam-se, lançados já, seis candidatos à suprema magistratura do país. Enquanto a fome ronda os lares modestos, como decorrência da onda inflacionária, que corre parrelha com a nossa incapacidade para contê-la e estancá-la, as ambições desvairadas vão contribuindo para que se formem, entre nós, dia a dia, hora a hora, as trágicas condições que fizeram o infortúnio de tantos povos. — Etevíno Lins, Correio Paulistano, São Paulo, 8-6-55.

DEFESA DA "PETROBRÁS"

Ao Exmo. Sr. Deputado Federal Pereira da Costa dirigiu o Chefe Geral Patrianovista o seguinte telegrama aos 14 do corrente:
— A A. I. P. B. congratulase com V. Excia. pela coragem e patriótica defesa da inviolabilidade da Petrobrás, baluarte da economia brasileira.

Quem pagará a despesa?

Analisando-se o que os candidatos gastaram — até onde se sabe que a fizeram — ficam estarelecidos.

Diz-se, com foros de verdade, que o Sr. Adhemar de Barros gastou perto de 200 milhões de cruzeiros; que o Sr. Kubitschek andou beirando esta quantia. Confessou o Sr. Jurez que se precisava pagar as suas cédulas teria que abandonar o pleito e — só estas — atingiram a um valor de 10 milhões de cruzeiros para cada candidato. É óbvio que S. Excia. só disse isso para impressionar a seu possível eleitorado; entretanto, essa confissão nos serviu de ponto de partida para imaginar o quanto S. Excia. teria gasto com outras despesas, evidentemente bem maiores do que esta, como por exemplo viagens aéreas por todo o Brasil, programas de rádio e televisão em cadeia por diversas emissoras — programas caríssimos — cartazes, cinema, etc. O mesmo se poderá dizer do outro candidato dito "pobre", o Sr. Plínio Salgado.

A não ser o Sr. Adhemar de Barros que alegou possuir uma fortuna de 1 Bilhão, fortuna esta que intriga a muita gente, chegamos à conclusão — depois de analisar as declarações de pobreza dos demais candidatos — que, nenhum deles, tinha condições financeiras para fazer face às tremendas despesas exigidas pela campanha eleitoral... Acordemos ao espírito, então, a crucial pergunta: quem financiou os candidatos e com que fim o fez?

Seja que o candidato, eventualmente eleito, não teria que pagar, ao seu financiador, a dívida contraída e, no caso do Sr. Adhemar, não iria, no governo, procurar recuperar, pelo menos, o capital empenhado no "negócio"? Como que mais o faria, se os honorários de Presidente da República são ridículos, em face do montante gasto por qualquer dos candidatos às últimas eleições? Não será mais lógico pensar-se que esse pagamento se faria através das vagas leiteiras que se chamam sinecuras, "mamatas", negociatas, etc., etc.? Não será isto, porventura, o que o candidato eleito terá que fazer? Irá a nação ser governada com patriotismo e honestidade, fosse qual fosse o candidato a ser eleito?

Irá a nação ser governada, ou...?

Não sou, pela minha formação política, partidário de quem quer que seja, estando, portanto, inteiramente alheio aos interesses em jogo. Sou, apenas, um observador que procura esclarecer-se e, se possível, esclarecendo-se, esclarecer o povo, para que não continue errando, por estar iludido.

Precisamos, comparando, mostrar ao povo as diferenças fundamentais do que acontecia, em matéria política, anteriormente a 15 de novembro de 1889

PRECISAMOS DO NOSSO REI, DO NOSSO IMPERADOR!

O Canadá continua sendo governado pelo regime monárquico. O Chefe do Estado é um Governador Geral representante do rei da Inglaterra. Apóia-se à tradição? Quero admitir seja antes sabedoria. O Canadá não conhece pelo menos um dos perigos da prática do sistema republicano: a sucessão presidencial. PUDÉSSEMOS NÓS IGUALMENTE TER UM REI, um rei simbólico, distante e inofensivo, que nos mandasse governadores-gerais... Poderíamos analisar os problemas da vida, em lugar de fazer o auto-critério das hienas para concluir que todos são os mesmos. E, sobretudo, evitaríamos os heróis, aqueles que, sendo piores que os outros, se propõem periodicamente a salvar a república.

COSTA RÊGO, Diário de São Paulo, 9-10-1949

ANALFABETOS...

"Temos disposições na Constituição de 1946 que, postas em vigor, nos permitirão a alfabetização total e imediata. Basta que os governos da União, dos vinte Estados e dos 2.300 municípios celebrem um convênio solene para, em co-opeção, decretarem e executarem a extinção total e imediata do analfabetismo. Há 42 anos o autor destas linhas o reclama e o propugna inutilmente".

São palavras do publicista sr. Mário Pinto de Seixas, incansável líder de causas nobres.

Verdade é que a desgraça do Brasil lie bem de república, estranha ao Brasil são os "sabidos", os semi-cultos politiqueros e outros varões de responsabilidade, cuja ignorância profunda de sérios problemas políticos fundamentais da Nação e não só do Povo, os leva a conservar o falso regime actual.

Os politiqueros querem "massas" ignorantes, e não povo. Vamos alfabetizar, humanizar e educar as massas... e a república voltará para o inferno donde veio. É o que não querem...

O CACETE REALEJO REPUBLICANO

"A ordem, na república, é cuidar somente da política, embora estejam sofrendo as massas a consequência pior da desmentida da economia popular. Assim será por muito tempo. Nenhuma probabilidade de orientação mais prática, neste sentido, enxergamos por enquanto, visto como os responsáveis pelos destinos da Nação querem saber como ficarão as coisas no terreno da SUCESSÃO presidencial. E' o alvo das preocupações do executivo e do legislativo, ao passo que as medidas tendentes a aliviar a situação económica permanecem nas gavetas das comissões. Faz-se barulho em excesso, anunciando planos salvadores, e esses planos não vêm quando a necessidade os solicita... O que há de palpável e predominante é o eterno debilitar por amor de política".

— Certamente, estará o leitor pensando que estas palavras foram escritas hoje ou no ano passado. Engana-se! Reproduzimo-las para comprovar a tese patrianovista de que a república é a fal sempre a mesma droga, quer em 1890, quer em 1930, quer em 1956. O que ai reproduzimos saiu em A Gazeta a 17-7-48. Com todas as "salvações", ela é o que é: "desgraça completa".

que acontece hoje. Naquele tempo não se via esta "ferra" financeira, esta bagunça eleitoral que são as eleições republicanas. A nação, apesar de todos os defeitos de seu regime, — por ser este de fundo essencialmente LIBERAL — não sofria, por ocasião das eleições, êses choques, êses sobressaltos, êses surpresas provocadas por tantos desperdícios. Não sofria porque tinha um REINADOR que, por APARTIDÁRIO, se preocupava, apenas, pelos interesses da nação. Não havia este ajuntamento, esta luta quase que fratricida, por interesses em jogo eram confinados nos municípios, sem repercussão nacional, eis que o Imperador era SEMPRE o mesmo, pairando equidistante e acima das questões particulares das províncias ou regiões brasileiras. Não se só o Brasil existia e só por êle trabalhava. Tínhamos um governo que devia obediência e perdões e, por isso, fôsse qual fôsse o resultado das eleições, a administração não sofria sobressaltos, já que o governo continuava.

Hoje, os governos se sucedem cada 3 anos, tratando de "governar" segundo idéias específicas do partido ou dos partidos que os elegem. São partidos, descontínuos, dispersivos e esbanjadores, pois a transitoriedade favorece o "aproveitamento", o filibusterismo, enfim, o "avanço" geral. Provocam, pois — e o que é mais grave — o regionalismo anti-nacional, inflado de fora pelos inimigos da nacionalidade brasileira. E, quando as classes armadas — que têm uma grande dívida a saldar com a nação — ameaçam dar o golpe de misericórdia do que tanto o Brasil necessita, gritam, as politrides nacionais, que se deve salvar a constituição, esquecendo-se, ou ignorando, de que o que importa seja salvo é o Brasil. A Inglaterra não tem constituição, no entanto, e governa-se, magnificamente, há centenas de anos com seu regime sério, ridículos, digno e honesto.

O bom senso nos aconselha, portanto, a revisão do atual pensamento político nacional. Devemos pensar em instituições estáveis, que nos dêem governos que se continuem, que realmente trabalhem pela nação, esquecidos das trizas e fúrias da política sem entrinças que, aos poucos, vem destruindo o que ainda resta de nós mesmos, de nossa identidade Tradicional, de nossas virtudes belgas que eram apanágio de nossos governos imperiais.

É preciso que se eduque o povo; que se lhe abram os olhos, para êtes levas que a política interessa na continuação dêste triste estado de coisas que lhe mostra. No dia em que o povo estiver ao par de toda a podridão do atual regime, nesse dia o Brasil será pásto a salvo da estranha doença que há 60 anos o vem debilitando e destruindo.

José de OLIVEIRA FINHO

PORQUE SOU ANTI-REPUBLICANO...

Eu nasci analfabeta, "paullista", aprendi a falar, o "brasileira", e a adorar o "globo marchetado de estrelas", formei-me maçnicamente, "positivamente", "Agência Internacionalizada, vivi entre "Praças Marechal Deodoro", "ruas Benjamin Constant pela tar" e "avenidas Floriano Peixoto". Não me deram dogmaticamente a religião que preciso, permitindo-me escolher religiões entre espíritos, protestantes e... distantes macumbos. Cresci, eduquei-me, sob o regime de "meter o pau no governo" e nunca pensar o que se devia fazer em seu lugar. Hábituei-me a respeitar e a estar atento permanentes "chefes provinciais" do governo; e não ter estabilidade; a liberdade, ser voluntários e sportanista...

- Neste sistema de vida amadorista e torneio comum de uma geração de comunistas ricos e pobres...
- Um dia, porém abri um livro de história; desses que não se contam às crianças; desses que dizem que a pátria está mitificada, desviada há 66 anos de sua trajetória...
- Pensei, pensei, e fiquei deveras impressionado com a "desgraça completa" em que vivemos... Resolvi mudar de rumo... Filtiei-me a um grupo de amigos que não estavam contaminados pelo vírus republicano...
- Custou muito a descobrir o "atomum" de marcha de meu pensamento, eis que todas coisas estavam desorganizadas. E concluí:
- 1) Há sessenta e seis anos a república prometeu ao Brasil ordem e progresso, e só nos deu desordem e regresso...
 - 2) Prometeu desanalfabetizar o Brasil e minha pátria cada vez mais ignorante e mais explorada por alguns expertos barchardis...

PROTEÇÃO À LAVOURA... BRASIL, PAÍS PARADOXAL

Inquanto o trigo gaúcho está ameaçado de apodrecimento, desembaraça cereal dos E.U.A.

RIO — (Aspress) — Foi desembarcado, ontem, no porto desta Capital, de bordo dos cargueiros "Santa Madre" e "Grani Suzanne", o primeiro carregamento de trigo norteamericano que abastecerá o nosso país nos próximos meses de 1956. Os barcos lanques despejaram vinte mil toneladas do grão produto.

Segundo acordo firmado em dezembro com os Estados-Unidos, deverá o Brasil receber meio milhão de toneladas de trigo, contra o pagamento, em dinheiro, num total avaliado em 41 milhões de dólares.

(Diário Popular, S. Paulo, 18-1-56).

VISITAS HONROSAS

Estive em novembro p.p. em visita à sede central patrianovista o sr. Federal Decrescenzo, DD, Chefe Patrianovista em S. José do Rio Preto, — igualmente neste mês, em missão confiada pelo Conselho Imperial Patrianovista Municipal de Passo Fundo, visitou-me o sr. Euclides Bordignon, M. D. Coordenador Patrianovista no Rio Grande do Sul.

Ambos os correligionários foram afectivamente recepcionados e honrados pelo Chefe Geral e Conselheiros de Pátria-Nova, que lhes agradecem a fraterna visita.

- 3) Há sessenta e seis anos não mudou um só dormento da Estrada da Ferro Central do Brasil, apesar de todo dia "meter o pau" na direção da mesma...
- 4) Viveram sempre falando na salvação da lavoura, e esta, cada vez mais ranceira, cada vez em maiores dificuldades financeiras, mais primitiva, permitindo qualquer nação passar-lhe à frente...
- 5) Encontrando resolvidas todas questões de fronteiras, uma nação integral e grande, fez o investidor criar problemas, doou fazendas de terras à Bolívia e ao Peru, sem procurar sequer explorar e investir da Guiana Inglesa;
- 6) Não resolveu, não deteve, não racionalizou a desmatação de nossas selvas; ao contrário, pelou tudo, queimou tudo, estragou tudo até deixar o Brasil careca.
- 7) Nossas marinhas de guerra e mercante, que eram das maiores do mundo, inferiorizaram-se a qualquer republiquete "vel" americana, ou "latina"...
- 8) Perdemos mercados tradicionais para os nossos produtos e adotámos um comércio artificial de bujanganças e de "negócios" internacionais...
- 9) Prometramos-nos ideal do pátria e nos deram ideais separatistas...
- 10) De vanguarda em que estávamos, ficámos em último lugar na contenda das grandes nações políticas, inclusive os E.U.A. que nos passaram em grande dianteira... (O nosso "modelo").
- 11) Há sessenta e seis anos que a família brasileira anda "desunida", apesar da mania de "união-federal" que nos prometaram.
- 12) Há sessenta e seis anos que o Brasil vive ranceiramente exportando seu suor, seus minérios, suas riquezas, empobrecendo-se em paga de tão grande contribuição que dá ao mundo.
- 13) Destruíram a vitalidade do município (célula da nacionalidade), para em seu lugar criarem êses "monstros estaduais".
- 14) A imigração italiana para cá trazida pela Imperatriz d. Maria Cristina, para substituir o braço escravo, foi "abulada" por levas de desempregados internacionais, em vagas constantes, até desnacionalizar o último vestígio de brasilidade...
- 15) ...
- 16) Uma praça que nós tínhamos, os trustes internacionais, passaram, desde 1889, a vicejar em toda nossa economia, hipostatruindo a economia nacional.
- 17) O Banco do Brasil passou a ser instrumento de financiamento de grupos políticos e a dinheiro nacional a valculo da corrupção.
- 18) A inflação, iniciada com dezcentos mil contos, continuou, sempre e sempre, em espiral interminável;
- 19) Tínhamos ouro, e muito ouro, que extrairmos de nossas minas; hoje, e cada vez mais, nos despojamos do mesmo inutilmente, para depois imensamente pedilo emprestado.
- 20) Na política internacional e na diplomacia, pouco ou nada evoluímos; tudo jás como estava, um pouco... piorado!
- 21) Se, com os recursos da aviação, da automóvel, das locomotivas elétricas, da electricidade e da gasolina, não conseguimos aparelhar o país para atender o vulto crescente da população, da indústria e do comércio, isso nos faz até sentir saudades das... carras de bois, do manjeiro e do engenho do madeiral
- 22) Em troca de um parlamento de homens sustanos, probes e estadistas, deu-nos a república um congresso de infra-homens comerciantes e aventureiros, num crescendo sempre maior de inferioridade. Adeus Varões de Platarcel
- 23) Para substituir a nobreza viciosa, a nobreza negra, aberta para entrar e para... sair, deram-nos um churrilho de "coronéis de aldeia", de prestigiosos tabos eleitorais, de influentes capitalistas...
- 24) O nosso clássico routine de porco foi abolido de nossas cozinhas pelo "acete" de carvão de algodão; a nossa pinga, por uísque; o nosso joguinha de bicho, por corridas de cavalos...
- 25) As nossas noites juninas, as procissões, as quermesses, foram substituídas pelo carnaval, cada vez mais debochado... (e chamam isso de progresso!)
- 26) Nas letras, desaparecerem os poetas; na pintura, os pintores; na música, os músicos. O que existe por aí não é poesia, não é pintura, não é música; é confusão, e falsificação.
- 27) O exército é composto de generais e está cada vez mais desarmado, servindo-se dos romancescos da última guerra...
- 28) Há sessenta e seis anos que prometem transferir a capital; até parece o insolúvel "problema" de sucessão... não resolvem nunca.

JERÓNIMO RICARDO DE MATTOS

ENERGIA ATÓMICA

Ao Exmo. Sr. Deputado Federal Dagoberto Sales, dirigiu o Chefe Geral Patrianovista o seguinte telegrama:

Queira V. Excia. receber as nossas sinceras e entusiásticas congratulações pela apresentação do projecto de lei sobre energia atômica, um dos fundamentos básicos da nossa futura grandeza.

É DIFÍCIL FAZER A MONARQUIA...

Se toda essa legião de derrotistas, críiques, desleais, pessimistas, sustentadores dos esforços de Pátria-Nova, uvaritas, sovinas, oparunistas, trabalhadores leal e eficazmente pelo Império como o fazem os Patrianovistas, esteria muitíssimo mais próximo do que já se nos afigura a restauração do Brasil.

Nada adianta dizer que é difícil fazer a Monarquia. Nós o sabemos melhor do que ninguém, pois não começámos hoje. Faça cada uma a sua parte e cada dia que passa estaremos reconstruindo o Império do Brasil que os estrangeiros interiores destruíram para desgraça do nosso Povo e da humanidade.

Sempre foi difícil aquilo que ainda não foi feito.

É próprio dos homens fortes denotar impossibilidades e dificuldades, deixando as facilidades para os moluscos humanos...

Dia dos Mortos Patrianovistas

Evocando a lembrança dos monarquistas falecidos durante o ano passado, "Pátria-Nova" promoveu Missa de Requiem na Igreja da Boa Morte, às 8 hs. do dia 15 de Novembro.

Após a cerimônia litúrgica a que compareceu grande número de associados, reuniram-se os patrianovistas no pátio lateral do templo e, após um lanche que foi servido, usou da palavra o acadêmico Samuel Franco que, evocando a influência dos mortos sobre os vivos, disse da espiritualidade da história "como precursora de todos movimentos que se operam em sociologia". — "No caso brasileiro — conclui o orador —, só a história da monarquia nos oferece um roteiro seguro para a restauração da pátria, tão conturbada está ela com as ideologias estranhas à nossa formação".

Em seguida, incorporados, dirigiram-se os patrianovistas ao Monumento da Independência, onde, na cripta em que jazem os despojos da Sereníssima 1.ª Imperatriz do Brasil — D. Leopoldina de Habsburgo e Bragança — depositaram um original paquife de palmas nacionais. Este paquife, oferecido pelo Dr. José de Oliveira Pinho, armado sobre ramos verdes de ciprestes,

RUI BARBOSA ARREPENDIDO

Entre nós, (a proclamação da república) foi como um espetáculo, uma surpresa, um sonho, passado fora da nação a que o sr. Aristides Lobo confessou que ela assistiu "bestificada" e para a qual se continuou a portar com a mesma indiferença. Ninguém podia antever a durabilidade de instituições criadas por uma revolta das baionetas e recebidas pela nação com essa glacialidade. . . Nós contávamos sessenta anos de ordem constitucional com a Monarquia e dela variáramos súbitamente para uma novidade que não tinha a menor radícula na História, ou no temperamento nacional. — Discurso em Campinas, em 1909.

— Não adianta, Mestre Rui! A república odeia a verdade e a justiça. Continuará nas suas escolas primárias, ginásios e colégios, a mentir oficial do "república proclamada por TODO o Exército, TODA a Marinha... e o coitado do Povo... bôta", que está aí hoje pagando o que não fez!

DA INJUSTIÇA A LIÇÃO

O desastre do 15 de Novembro trouxe para nós a República que ninguém encorajou. Veio ela cortar os altos destinos do Brasil. O Império para nós era como que um lago azul, em que tudo lá bem. A vida corria tranquila, tinha-se confiança no futuro, tal o respeito que a todos infundia a figura extraordinária de Pedro II, o maior de todos os brasileiros, tamanha era sua bondade, cujos atos de história o próprio tempo jamais poderá apagar. A República transformou esse lago azul, que era o Império Brasileiro, num mar de lama e aí está a lição de injustiça que contra os brasileiros se fez. Mas conhecida a causa do nosso mal, que é essa tortuosa República (sim tortuosa, não sou obrigado a dizer bem de uma coisa que não presta para o Brasil), República das bancarotas, como por exemplo o célebre escândalo da prata negociada há anos com a Alemanha, para onde foram transportadas as cunhagens da Casa da Moeda para a casa "Usländer & Cia." e o Governo não pôde recuar. O Governo Alemão resistiu dizendo: "Conheço as leis do Brasil! É tarde, o Governo não pode voltar atrás, tem que pagar". E o Brasil veio à bancarrota por inépcia do Governo. Assim como esse numeroso outros escândalos se verificaram e verificam como o País todo sabe. República é prazer dos homens maus, e eles sentindo esse prazer não querem ver nela a desgraça do Brasil, embora seja esta a mais pura das realidades. A República transformou o lago azul Imperial em um mar de lama e nela vivem os homens maus atolados até que um dia, quem sabe, iluminados pelo Cruzeiro do Sul lá do alto, despertem com a graça de Deus, reconhecendo que realmente o mal do Brasil sempre foi e é a República por nós não encomendada, mas sim, repudiada, por ser anti-nacional, embora tentos não aceitem a tese. Todos os candidatos ao pósto de mando, todos eles, sem excepção, para serem eleitos prometem ao Jeca e ao povo salvar o Brasil, mas só prometem, salvar, que é bom, nunca fizeram, porque depois de eleitos eles terem ou salvem os partidos, menos o Jeca, o povo, o Brasil. Felizmente eles não encontraram raízes no coração dos brasileiros, pois existem no País milhões de patriotas contrários a essa fantasia denominada República, em que os primeiros a se decepcionarem e já arrependidos foram os próprios fundadores, ou os seus mentores. Até quando a injustiça? Quando o deilbar no horizonte do sol itonho anunciando a reconquista do Brasil para os brasileiros? Quando? Só com a instauração do III Império poderemos ter um Brasil brasileiro, a MAIOR POTÊNCIA DO MUNDO, com a qual sonhamos.

Arlindo BAPTISTA PEREIRA

era sobreposto por dois ramos de cica dourados, na forma de coroa de glória, presos na haste por um feixe de folhas, flôres e frutos. Finalmente, dois pendentivos de um laço continham os dizeres:

"Aos Soberbos Fundadores do IMPÉRIO DO BRASIL

Homenagem de Pátria-Nova

15 de Novembro de 1955"

Ainda no local, presente o Chefe Geral de Pátria-Nova, Com. Prof. Dr. A. Veiga dos Santos foi redigido um termo com as seguintes palavras, assinado pela delegação:

"Presentes em espírito aquêles que em vida lutaram pelos Ideais de Pátria-Nova, aqui estamos os vivos que lhes continuamos a batalha pelo Império". (aa.)

A. Veiga dos Santos, Hermes Di Ciero, Hugo Paul Liechtenberger, Ugo Morhenan Cuido, Arlindo Baptista Pereira, Jeronymo Ricardo de Mattos, David Simões Junior, Roberto Cesnik, Avedis Demercian, Samuel Franco, Amadeu Cibella, Benedito Guedes, Wilson Meyer, Estevam M. de Rezende, Gilvécio P. A. de Oliveira, Francisco Barbosa da Silva e Olavo A. Bianco".

ZÉ-BODOCAS, PRESIDENTE

Certo dia um brasileiro de nome "Zé-Bodocas" teve uma idéia "m-grosa": queria ser Presidente da "República". Contratou um partido para registrar a sua "candura"; ou melhor, a sua candidatura. Depois procurou firmar contrato com firmas comerciais para financiar a campanha política. Começou barulho. Era uma palhaçada. Xingavam-se uns aos outros assim como os melhores se xingaram. A "Imprensa desbocada", digo a Imprensa Livre, tratava tudo aquilo em marchetas garrafas. As ruas estavam "enfeitadas" com propaganda eleitoral e os "catadores de papel" ganhavam mais dinheiro tudo era sujeira e sujeira da mais suja. Finalmente chegou o esperado dia de votação. Zé-Bodocas pulava de alegria. Pagava "chopp" e quem de ter votado nele, mas tudo com o dinheiro dos outros, pois ele era homem "povo" e não tinha nem um grito para pagar pelo rabo. Os dias se passaram. As apurações eram tão rápidas que corriam na velocidade de 60 segs. Passou um minuto durante esse meio ano-nessa morosidade. Finalmente foi empossado. Cercaram-se de Zé-Bodocas os seus "maiores amigos". Todos eles queriam emprego público dizendo que tinham trabalhado por ele e por isso muito "necessitavam" de alguma ajuda. Zé-Bodocas não entendia palavra de tudo a sua carreira política. As mesmas empresas que antes financiaram campanha foram "obrigadas a pedir uma brecha" no governo de "Zé-Bodoca" que nada receitava. Não podia dizer que "não", porque havia o perigo não ser realista. Arrumava tudo: eram empréstimos, era cancelamento

LIVROS PATRIANOVISTAS À VENDA

Ogênia Patrianovista	Cr\$ 70,00
O problema operário e a justiça social	Cr\$ 10,00
De Nôrrega e outros patricios	Cr\$ 15,00

Bravemente

A Filosofia Política de São Tomás de Aquino, obra do Chefe Geral. Pedidos à nossa caixa postal.

abono de impostos, era apadrinhamento; tudo, enfim, que essas companhias queriam Zé-Bodocas foi cedendo, cedendo, até que um dia que tudo é uma "franco-embulhada" e que a "maçã" é influsora. É quando a paciência e resolve não conceder mais nada a ninguém. Foi o fim de toda a sua carreira política. As mesmas empresas que antes financiaram sua campanha passaram a financiar uma outra campanha, sendo esta, emeterar uma campanha de difamação de seu desvalizado governo. "Não sabe governar quem a todos quer contentar", diz um ditado. Que Zé-Bodocas por certo não conhecia. Querendo contentar a tudo e a todos e levado a um ato suicida quer ser ditador, mas, como ele não entendeu nada de administração e nem cousa alguma do governo, e por estar ele antes apoiado em partidos políticos que só viviam interesses, o nosso coitado Zé-Bodocas, ontem candidato, é hoje um homem exilado (isolado). Longe de Fátima se arrepende de ser partecipa de toda essa palhaçada "re-pública", entra para a escola, aprende a ler e escrever e tempos após publica um livro contra o regime a que pertenceu. Diante do lar que o acolhera na infância viu quanto foi tolo. Também não o émo por que estava em um país de cristo. Na velha ganhou o filho de bederia e ficou sendo REI no assunto. Viu que tudo aquilo por que trabalhou jamais passou de uma péta. Foi então que começou a estudar história e viu as formas de governo. Entre elas encontrou o "Programa Patrianovista Brasileiro". Ficou pasmado nunca pensara, até então, que havia forma de governo tão congruente à Nação Brasileira como esta. Pensava até que tudo não passava de uma utopia, dizia mesmo: "Com esta forma de governo eu estarei no paraíso de fadas encantadas". Pensou, pensou muito e depois de todo o malhar, depois de conhecer todo o PROGRAMA PATRIANOVISTA, convenceu-se de que SEM REI NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL. E, Zé-Bodocas, de alegria, viu

Roberto CESNIK